

Historiografia e o Gênero Epistolar: Perspectivas para o Ensino de Língua Portuguesa

Doutorando Manuel Veronez¹ (UFU)

Resumo:

O presente trabalho a ser apresentado no grupo temático em questão (Língua Portuguesa e Escolarização numa Perspectiva Histórica) tem o objetivo de apresentar o gênero epistolar enquanto um material historiográfico, capaz de vincular, numa perspectiva de ensino de Língua Portuguesa, a língua e o período histórico em que ela se apresenta, ensinando, a partir das cartas, as técnicas comunicativas e estruturais do português e da epistolografia, bem como outros assuntos: a literatura modernista brasileira, por exemplo. Segundo Ângela Gomes (2007), o gênero epistolar abre espaço para criação de redes que podem contribuir no desenvolvimento e descobertas de conhecimentos interessantes, úteis para o ensino de Língua Portuguesa, para a escolarização de um modo geral, para as artes, as ciências etc.. As cartas escolhidas para este trabalho (analisadas de forma ampla e geral) foram as correspondências escritas e trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, nos anos de 1924 a 1945, que de acordo com Castañon (2004), é um conjunto importante de correspondências entre indivíduos envolvidos no modernismo brasileiro, oferecendo um inquestionável, rico e amplo material historiográfico, dando possibilidades de se entender e aprender sobre a Língua Portuguesa e o período modernista brasileiro. Enfim, trabalhar com cartas é fácil e agradável e, ao mesmo tempo, difícil e complexo, devido a sua vastidão, seu caráter de fragmentação, dispersão e, às vezes, à inacessibilidade imposta pelos segredos de família, de política ou profissionais. Porém, nada impede de se usar esse gênero, assim como outros, dentro da sala de aula, mostrando a partir da historiografia a pertinência e consistência em ensinar a nossa vasta e misteriosa Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Historiografia, Gênero epistolar, Língua Portuguesa

Podemos pensar a historiografia, de modo geral, como uma forma de pesquisa que traz como relação, de análises e estudos, as pertinências, significâncias e possíveis contribuições entre (e para), por exemplo: a literatura e o período histórico em que ela se apresenta; a reflexão sobre o uso da língua no interior do material historiográfico escolhido; as técnicas comunicativas e a literatura; a criação artística literária e a materialização dos meios, próprios e propícios, para sua divulgação e configuração, podendo ser de modo manuscrito, impresso (livros, jornais, revistas, folhetos) e eletrônico. E segundo Sússekind e Dias (2004), a historiografia pode ser responsável “por transformações significativas nas relações entre obra e suporte, entre autor, leitor e obra, entre matéria textual e modalidades diversas de produção e transmissão de textos.” (SÜSSEKIND e DIAS, 2004).

As cartas, principalmente as pessoais, acumulam com frequência variadas informações e assuntos sem uma ordenação, finalização e hierarquização, assemelhando-se muito com a própria característica do eu moderno e do eu epistolar, que é também desordenado, não finalizado, não hierárquico e fragmentado, mas, sobretudo, reflexo próprio daquilo que se encontra dentro das

epístolas, no movimento da escrita de si. Nas missivas, de acordo com Ângela Gomes (2007), a narrativa é cheia de movimentos e imagens, tanto por dentro, quanto por fora, apresentando um discurso multifacetado e laboriosamente construído, reforçando a ideia de que nas práticas da escrita de si, diferentemente como pensavam no começo de suas análises, não há um discurso sincero na sua totalidade, muito menos com valor de verdade única e inquestionável. O gênero epistolar, visto como um processo e exercício de escrita de si, de alguma maneira, abre espaço preferencial para estabelecimento de vínculos e criação de redes que podem ou não possibilitar a conquista e manutenção dos desejos e/ou acontecimentos, contribuindo também para a mesma manutenção e conquistas de desenvolvimentos e descobertas de conhecimentos interessantes, úteis e assaz importantes para as ciências, as artes, o ensino de língua portuguesa e quiçá, para a vida imanente do homem indivíduo.

Observa-se nesse determinado caso uma colaboração para os estudos de cultura, de ensino de língua portuguesa, de literatura, da sociedade e do momento histórico de uma determinada época. Mais uma vez comprovando a importância desses tipos de escritas de si, inclusive e principalmente as cartas, para os estudos intelectuais da língua e acadêmicos de modo geral, como a historiografia literária e a literatura brasileira, por exemplo. E, além disso, retomando o cotidiano comum dos seres, dentro do estudo propriamente desse gênero chamado epistolar, bem como sua prática específica de escrita de si e sua ação (no momento em que se começa a escrever a epístola) e voltando às supostas origens até os dias de hoje, Foucault (1992) afirma: “No caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida.” (FOUCAULT, 1992).

Dessa maneira, dentro do movimento da escrita de si das missivas, ao mesmo tempo em que o remetente se abre ao destinatário para que este o conheça e reconheça, ou seja, o eu se abrindo ao outro, o correspondente destinatário também se encontra em aberto, fazendo o remetente conhecer a si por si mesmo. Segundo Silviano Santiago (2002), a epístola possui aspectos do diário íntimo e da prosa de ficção, em que as cartas de Mário de Andrade (MA) e Carlos Drummond, por exemplo, apontam para duas direções, uma onde Carlos Drummond de Andrade (CDA) se abre a Mário de Andrade, fazendo com que MA sugue CDA (em todos os sentidos, aspectos e maneiras), e outra direção em que, ao inverso, Mário é que se abre a Carlos, fazendo CDA o absorver também em todos os sentidos. “Se cada carta, isoladamente, tem duas direções, a correspondência trocada tem pelo menos quatro.” (SANTIAGO, 2002, p.20).

Nessa passagem, Santiago (2002) quis explicar que CDA não conheceu a si próprio apenas pela abertura de si oferecida a MA, nem MA se conheceu a si somente pela janela que abriu e

ofereceu a CDA, mas justamente se conheceram por esse duplo caminho de via dupla, em que Drummond se conheceu também a si mesmo pela janela que Mário abriu e o ofereceu sobre si mesmo, assim como Mário se conheceu a si também pela abertura que Carlos lhe oferece sobre si mesmo. É o falar do eu sobre si para o outro, em que o outro também fala de si quando fala ao eu e a consigo mesmo. Assim, se vê que o “discípulo” Carlos Drummond de Andrade se apropriou e se misturou ao “mestre” Mário de Andrade, bem como este também se misturou e se apropriou daquele, em que essas nomenclaturas de puro rótulo se desenvolveram e se estabeleceram também, de alguma maneira, fora das correspondências, apesar de Mário sempre ter odiado e negado esse qualitativo de mestre dado a ele.

Entre as correspondências dos Andrades, não se trocavam apenas cartas e ideias, se trocavam também muitas poesias, e muitas destas de bom reconhecimento e nível artístico/estético elevado, em que o jeito instigante e despreocupado de CDA se exercia sobre MA e o jeito de “reprender” e advertir de MA se exercia sobre CDA, num complexo jogo de espelhos e imagens, numa espécie de “mineração do outro” (segundo as próprias palavras de Silviano Santiago (2002)), em que a figura retórica dominante desse processo dinâmico é a de ecos que se desatam, desmembram-se e se desdobram. Desse modo, as correspondências trocadas (não mais isoladas) pelos Andrades, de acordo com o autor Santiago (2002), tem algo a ver com ações absurdas e mesmo de asneiras, isto é, o disparate, cujas missivas se apresentam como um quebracabeça denso e complexo a nós pesquisadores e/ou curiosos de plantão, exigindo paciência e habilidade de quem se aventurar a tentar montar esse variável quebracabeça.

É necessário compreender os jogos de linguagem encontrados nas epístolas dos Andrades, que variam entre o expressar espontâneo e controlado, mas, às vezes, bem lúdico e coloquial ao extremo, chegando a ser debochado e irônico. Ambicionar a encontrar uma linha condutória para as cartas de Mário e Carlos, com um começo, meio e fim bem delineados, formatados e cronologicamente definidos é uma tarefa impossível, pois não há possibilidades de se ter, ou encontrar com certeza segura um fio condutor dessas missivas. Se houvesse essa possibilidade, os fios, de acordo com Silviano Santiago (2002), seriam fios de contradições e imprevistos da vida cotidiana, com incertezas, alegrias, arrependimentos, reviravoltas etc.. Santiago (2002) reitera ainda:

A carta, por exemplo, tem algo a ver com a solidão. Solidão é palavra de amor. Sua leitura também. (Nossa solidão de leitor.) Solidão é meio de conhecimento para Carlos e Mário. Portanto, tem também algo a ver com o desejo de comunicação. (O discípulo tanto precisa do mestre quanto o mestre do discípulo, pois aquele sem este não o é.) Carlos é um náufrago no mar da vida, que emite pedidos de socorro, não a todo e qualquer, mas àquele que merece amizade e seja capaz de prestar auxílio. “Não me arrependo”, escreve Carlos na sua segunda carta, “de lhe haver

mandado o meu artigo sobre o finado Anatole France. Ele promoveu uma aproximação intelectual que me é muito preciosa”. A carta resposta aproxima, muito obrigado – e distancia, precisamos continuar a conversa. Há precisões a serem feitas, equívocos a serem desfeitos. (SANTIAGO, 2002, p. 21).

Castañon (2004) destaca que mesmo a carta possuindo uma característica lacunar, ela traz, por exemplo, um conjunto importante de correspondências entre indivíduos envolvidos no modernismo brasileiro, sejam intelectuais, ou artistas, oferecendo a posteridade um inquestionável, rico e amplo material historiográfico, podendo dar a possibilidade de uma tentativa de compreensão de três coisas, no mínimo: o período modernista brasileiro, a tentativa de compreensão dos artistas e intelectuais envolvidos com a escola literária em questão, tanto no momento histórico específico (nível mais abrangente da história literária) quanto no momento de criação e entendimento mais próximo das obras literárias feitas por eles, e a compreensão da própria estrutura das missivas, em que se entraria a ação do ensino de língua portuguesa, que agregaria ao seu final todas essas três compreensões envolvidas, apresentando o ensino da estrutura da língua (num viés normativo padrão), a história daquela língua e um gênero que pode ser utilizado no contexto social. “Mais do que tentar sumariar o quase inesgotável universo que se pode ler nessas correspondências, importaria tentar perceber como se abre esse espaço epistolar.” (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Nessa perspectiva, as correspondências além de serem uma forma de comunicação, possuem um meio específico e especial de realização de determinados níveis e facetas da comunicação, dependendo dos assuntos e dos correspondentes, preservando assim a distância (uma outra característica eminente das missivas). Júlio Castañon (2004) enfatiza que dentro das epístolas, além dos assuntos e abordagens sobre questões culturais e pessoais, elas trazem também, como ponto de análises e críticas, o momento histórico pelo qual se passou os correspondentes e as suas correspondências, reafirmando mais uma vez a ideia da carta, nesse nosso tempo chamado contemporâneo, como uma reformulação dum texto destinado ao público em geral. Com isso, percebe-se hoje, que as cartas além de proporcionar um interesse geral em publicá-las, também nos instigam e nos interessam estudá-las, analisá-las, avaliá-las, ensiná-las e dar a elas algum sentido e pertinência, para que possam perpetuar. Castañon (2004) ainda ressalta:

As cartas dos modernistas ao mesmo tempo que apresentam a efervescência de mudanças em vários aspectos culturais, históricos e políticos, apresentam também aqui e ali sinais de que estavam inseridas em um nível de mudanças em sua própria conformação. Basta pensar no quanto o desenvolvimento do correio propiciou o aumento da frequência da correspondência. No entanto, também se poderia supor que a precariedade das comunicações telefônicas tornava estas infrequentes e obrigava a que se continuasse a empregar a correspondência como forma de comunicação. Quando as comunicações telefônicas, por sua vez, se tornam mais correntes, pode-se supor que tenha

havido alguma diminuição das correspondências. Mais recentemente, a utilização do fax terá levado a uma retomada da comunicação por escrito. Já as possibilidades da internet começam a introduzir outras modificações. (GUIMARÃES, 2004, p. 42).

Enfim, trabalhar com cartas é fácil e agradável e, ao mesmo tempo, difícil e complexo, devido a sua vastidão, seu caráter de fragmentação, dispersão e, às vezes, à inacessibilidade imposta pelos segredos de família, de política ou profissionais. Mas quando o acesso é permitido, o pesquisador e o professor de língua portuguesa, ao analisar as epístolas de suas escolhas, devem (ou deveriam) recorrer a alguns procedimentos metodológicos, dentre os quais firmados em questionamentos referentes ao gênero epistolar. Porém, estes não são questionamentos já fixados, moldados, determinados e pré-estabelecidos, as questões surgirão e se multiplicarão dependendo da forma como o pesquisador e o professor utilizar o material. Perguntas, por exemplo, como as que se seguem: Quem escreve e lê as cartas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual seu ritmo e volume? De quais assuntos tratam? Como a língua portuguesa é usada? Etcétera. Nesse sentido, Ângela Gomes (2007) reafirma a importância desse tipo de questões que chamam “a atenção do analista para as importantes relações estabelecidas entre quem escreve, o que escreve, como escreve e o suporte material usado na escrita” (GOMES, 2007, p. 21).

Pode ser que a epistolografia, segundo alguns estudiosos, não esteja desaparecendo, mas sim passando por um processo de mudança, numa modificação e reestruturação do suporte e da visualidade, sem que se negue, ou se desconsidere a função primordial da carta, que é a comunicação interpessoal. A partir de tudo isso se pode resumir, de alguma maneira e com o auxílio de Silviano Santiago (2002), as correspondências trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, como “Carlos & Mário: corpo & alma, saúde & salvação. A paixão medida & a devoção cristã. Carlos Drummond: ‘E sem alma, corpo, és suave’ (*Claro enigma*).” (ANDRADE, 2002, p.27). Mais uma vez constatamos as contribuições das epístolas dos Andrades como um possível material historiográfico para o ensino de língua portuguesa, para a literatura modernista brasileira, para a historiografia literária brasileira e para a literatura contemporânea.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945 / Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade*; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. – Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

FOUCAULT, Michel, **O que é um autor**, Lisboa: Passagens/veja Editora, 1992.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro, 7Letras 2007.

GUIMARÃES, Julio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

SÜSSEKIND F., DIAS, T. (Org.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

iAutor

Manuel VERONEZ, Doutorando

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Instituto de Letras e Linguística

junexblacklabel@hotmail.com